

A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR: A TRAVESSIA FINAL

A HORA DA ESTRELA, BY CLARICE LISPECTOR: THE FINAL CROSSING

Elizabeth Sampaio Vieira da Silva¹
Madalena Aparecida Machado²

Recebimento do Texto: 27/03/2025

Data de Aceite: 12/04/2025

Resumo: o presente artigo propõe-se a apresentar uma leitura da obra produzida por Clarice Lispector: *A hora da estrela* (1977). Pretendemos observar e compreender por que essa narrativa figura como uma obra canônica, quais são os elementos presentes na mesma que asseguram seu valor estético. Buscaremos, ainda, perceber de que modo essa narrativa encerra um ciclo de travessias empreendidas pelos seres ficcionais criados por Clarice Lispector. Nossas considerações serão fundamentadas nas reflexões propostas por Eco (1991), (2003), Bloom (1995), Calvino (2007) entre outros.

Palavras-chave: Literatura. Clarice Lispector. Valor estético.

Abstract: This article aims to present a reading of the work produced by Clarice Lispector: *A hora da Estrela*. We intend to observe and understand why this narrative appears as a canonical work, what are the elements present in it that ensure its aesthetic value. We will also seek to understand how this narrative ends a cycle of journeys undertaken by fictional beings created by Clarice Lispector. Our considerations will be based on the reflections proposed by Eco (1991), (2003), Bloom (1995), Calvino (2007) among others.

Keywords: Children's literature. Clarice Lispector. Aesthetic value.

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Estudos Literários/PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT/ Brasil. Contato: bethsampaio2008@hotmail.com

2 Possui Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1996), Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), Doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela Sorbonne - França (2009).

Introdução

De acordo com Bloom (1995), uma obra passa a integrar o cânone literário quando apresenta atributos como ser essencial, exemplar, atemporal e universal, além de possuir reconhecimento institucional, valor estético consolidado, legitimidade crítica e relevância histórica. Também é necessário que dialogue com a tradição, provoque estranhamento e revele mérito artístico. A literatura de Clarice Lispector reúne todas essas qualidades, assegurando-lhe um espaço privilegiado no cânone. Sua escrita, marcada por intensidade e múltiplas camadas de sentido, continua a instigar leitores e pesquisadores, que, a cada nova leitura desvendam novos significados — afinal, “toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira” (Calvino, 2007, p. 11).

A literatura é, antes de tudo, um ato de invenção. Ela não se limita a reproduzir a realidade, mas a recriá-la, dando forma ao que poderia ser. Movendo-se entre o real, o imaginário e o possível, manifesta-se de modo ambíguo e sugestivo — revela ao mesmo tempo em que oculta, diz ao insinuar. É nesse território da criação que Clarice Lispector constrói seu universo ficcional, sustentado por uma lógica própria e habitado por personagens introspectivos, sensíveis, contraditórios e fragmentados, que se movem na incessante tentativa de compreender a si mesmos e o sentido da existência.

Publicado em 1977, *A hora da estrela*, último romance de Clarice Lispector, configura-se como o fecho simbólico de um ciclo de travessias existenciais que atravessa a sua obra. Nesse texto, a autora retoma e radicaliza a temática da busca de sentido e da constituição do ser, condensando-a na figura de Macabéa. A protagonista encarna a precariedade do existir e a opacidade da consciência, encontrando na morte o instante epifânico de revelação — o “encontro consigo” (Lispector, 1998, p. 86). Essa personagem de “olhar de quem tem uma asa ferida” e que “apenas desejava viver, sem saber por quê, nem se perguntar” (p. 86), simboliza o sujeito desprovido de identidade e voz, cuja trajetória conduz à iluminação final. A morte, longe de representar o aniquilamento, assume o estatuto de epifania: é o momento de autoconhecimento e transcendência, a culminância de uma jornada interior que reflete a tensão clariceana entre o ser e o nada, entre o silêncio e a palavra.

Em consonância com as reflexões expostas, o presente artigo propõe-se a apresentar uma leitura da obra produzida por Clarice Lispector: *A hora da estrela*. Pretendemos observar e compreender por que essa obra figura no cânone, qual é o valor estético da mesma. Buscaremos ainda, perceber de que modo essa narrativa encerra um ciclo de travessias empreendidas pelos seres ficcionais criados por Clarice Lispector.

A hora da estrela: a travessia final

[...] na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.
(Lispector 1998, p. 29)

Macabéa, a datilógrafa nordestina, virgem, figura apagada, quase espectral de *A hora da estrela* (1977) habita o limiar entre o ser e o não ser, um espaço de suspensão em que “vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor” (Lispector, 1998, p. 23). Última protagonista criada por Clarice Lispector, ela sintetiza as travessias interiores que permeiam toda a obra da autora. É apenas diante da morte que Macabéa atinge a consciência de si, num lampejo de lucidez que lhe revela, paradoxalmente, a própria existência: “Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá” (Lispector, 1998, p. 84). Nesse instante, a personagem vislumbra a sua condição de *ser-no-mundo*, ainda que tardivamente..

A hora da estrela ocupa um lugar singular no cânone literário brasileiro. A trajetória de Macabéa — “essa moça que não se conhece, que não sabia quem era” (Lispector, 1998, p. 15-34) — reflete a de tantos outros sujeitos em busca de um modo de existir, de um sentido para o próprio ser-no-mundo. O universo ficcional construído pela autora ressoa no leitor por revelar a condição humana em sua essência: a vida que insiste em pulsar, mesmo entre os destroços da insignificância e da ausência de sentido.

A existência de Macabéa é marcada pelo vazio, pela repetição e pela submissão cotidiana — uma vida destituída de sentido e de consciência de si. Essa condição absurda faz eco às palavras do narrador: “existir é uma coisa de doido, caso de loucura [...] existir não é lógico” (Lispector, 1998, p. 20). Assim, a própria estrutura narrativa rompe com a linearidade tradicional, refletindo o caráter caótico da existência. Como afirma o narrador, “como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer” (Lispector, 1998, p. 11). A fragmentação e o descompasso temporal traduzem, portanto, a lógica interna do ser e do narrar em Clarice Lispector — uma escrita que pensa o existir ao mesmo tempo em que o desorganiza.

Logo nas primeiras páginas, o narrador adverte o leitor sobre a natureza de sua escrita: “E o que escrevo é uma névoa úmida. Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta” (Lispector, 1998, p. 17). Ao associar a linguagem à névoa, à imagem e ao silêncio — elementos de imprecisão e suspensão — Clarice delineia o caráter enigmático de sua obra. A escrita clariceana, como observa Nejar (2011, p. 698), não distingue o conteúdo da forma, pois “o que está escrito vai além — sempre sugerido, desbordando como silêncio que se escreve”. Trata-se, portanto, de uma linguagem que se constrói no limiar entre o dizer e o calar, onde a ambiguidade se torna a essência mesma da expressão literária.

Clarice Lispector elege como “estrela” de seu romance uma figura apagada, uma mulher sem brilho e quase desprovida de consciência de si: “Ela se sentia perdida [...] a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga” (Lispector, 1998, p. 58). Macabéa é o ser marginalizado — “ninguém a quer, ela é virgem, inócuia, não faz falta a ninguém” — e alienado — “não sabia que ela era o que era” —, invisível à sociedade que a cerca: “ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio” (Lispector, 1998, p. 14-27). Ao colocar no centro da narrativa uma personagem destituída de valor social e simbólico, Clarice promove um deslocamento da linguagem e uma ruptura na percepção do leitor. Surge, assim, o *efeito de estranhamento* de que fala Umberto Eco, herdado do Formalismo russo:

O efeito de estranhamento ocorre *desautomatizando*-se a linguagem: a linguagem habituou-nos a representar certos fatos segundo determinadas leis de combinação, mediante fórmulas fixas. De repente, um autor, para descrever-nos

algo que já vimos e conhecemos de longa data, emprega as palavras (ou os outros tipos de signos de que se vale) de modo diferente, e nossa primeira reação se traduz numa sensação de *expatriamento*, numa quase incapacidade de reconhecer o objeto, efeito devido à organização ambígua da mensagem em relação ao código. A partir dessa sensação de “estranheza”, procede-se a uma reconsideração da mensagem, que nos leva a olhar de modo diferente a coisa representada, mas ao mesmo tempo, como é natural, a encarar também diferentemente os meios de representação e o código a que se referiam. (2012, p. 67-70).

A desautomatização dos sentidos e o abalo das expectativas estéticas, que transformam o banal em matéria de revelação. A estrela sem brilho de Clarice ilumina, paradoxalmente, a precariedade e a beleza escondidas na própria condição humana.

A linguagem de Clarice Lispector em *A hora da estrela* reflete a simplicidade de sua protagonista: “não vou enfeitar a palavra, pois se eu tocar no pão da moça, esse pão se torna ouro [...] falar simples para captar a sua delicada e vasta existência” (Lispector, 1998, p. 15). Forma e conteúdo se entrelaçam, reforçando a humanidade de Macabéa. A beleza da personagem não reside em atributos convencionais, mas na pureza de sua existência, na forma como enfrenta a vida sem compreender a maldade ou a dor do mundo, despertando empatia no leitor e no narrador. A obra, assim, problematiza a própria noção de belo, mostrando sua pluralidade.

Macabéa, descrita como aquela que “prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria” (Lispector, 1998, p. 52), revela um brilho singular, convidando o leitor a contemplar a dimensão do ordinário e a reconhecer a relevância do que, à primeira vista, parece marginal. A personagem suscita simultaneamente empatia e desconforto: sua passividade diante da existência — “por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra?” — evidencia uma inocência quase radical, que só é tensionada pelo encontro com Madama Carlota, responsável por introduzir a percepção de novas possibilidades (Lispector, 1998, p. 26). É nesse encontro que Macabéa alcança uma forma inaugural de autoconsciência: “Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. [...] Nunca lhe ocorreu que sua vida fora tão ruim” (Lispector, 1998, p. 75-76), percebendo finalmente aquilo que lhe foi negado: “nunca tinha tido coragem

de ter esperança" (Lispector, 1998, p. 76).

No plano estrutural de *A hora da estrela*, percebe-se desde o início a construção de múltiplas narrativas, configurando uma significativa inovação formal. Entre essas linhas, destaca-se a trajetória do narrador, Rodrigo S. M., cuja presença e reflexões se entrelaçam à vida de Macabéa, oferecendo diferentes perspectivas sobre o enredo e ampliando a densidade interpretativa da obra.

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio - vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. (LISPECTOR, 1998, p.13)

A obra evidencia a dificuldade intrínseca de elaborar uma narrativa capaz de apreender a realidade de Macabéa em toda a sua complexidade. Clarice Lispector problematiza a representação do ordinário e do invisível, revelando o desafio de traduzir em palavras a experiência de uma existência marginalizada, aparentemente insignificante, mas carregada de potencial poético e sentido existencial:

Não é fácil escrever. [...] Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

E a história da própria Macabéa:

- que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (Lispector, 1998, p. 24)

A narrativa de *A hora da estrela* organiza-se em três histórias distintas, identificáveis e ao mesmo tempo interdependentes, permitindo que o leitor

experiencie múltiplos planos de interpretação. Essa estrutura fragmentada não apenas cria complexidade formal, mas também reflete a condição existencial de Macabéa: sua vida desarticulada, marcada pela insignificância e pela falta de consciência de si, encontra eco na fragmentação do texto. A narrativa revela diferentes aspectos do mundo da protagonista, enquanto o narrador, Rodrigo S. M., intervém constantemente, refletindo sobre sua própria dificuldade de representar a realidade da personagem. Assim, na obra forma e conteúdo se entrelaçam: o fragmento textual espelha a fragmentação da experiência existencial, tornando visível o esforço da escrita em captar o ordinário e o invisível. O romance funciona, portanto, como um “todo” fragmentado, cuja primeira impressão provoca mais “uma surpresa misteriosa do que uma realização de expectativas” (Bloom, 1995, p. 13), demonstrando a originalidade da técnica e a profundidade da experiência literária oferecida ao leitor.

A hora da estrela evidencia a complexidade intrínseca da vida, da experiência humana e da própria escrita, marcada por ambiguidade, fragmentação e múltiplas limitações. Clarice Lispector constrói uma narrativa, na qual o narrador não apenas relata a trajetória de Macabéa, mas também, articula reflexões sobre o ato de escrever. Essa intervenção constante estabelece um diálogo direto com o leitor, seja ao expressar a dificuldade de dar início à narrativa — “Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem” —, seja ao mediar sua compreensão — “Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem” (Lispector, 1998, p. 14-25).

O entrelaçamento entre literatura e filosofia torna-se evidente nas reflexões inseridas na narrativa: aforismos como “viver doía” (p. 45) e “a verdade é sempre um contato interior inexplicável” (p. 11), bem como interrogações existenciais — “uma vida que contém como todas as nossas um segredo inviolável?” (p. 39), tais questões deslocam a obra dos modos tradicionais de narração, exigindo do leitor uma postura atenta e participativa. A fragmentação da narrativa, aliada à presença ativa do narrador, configura um processo de criação literária inovador, no qual forma e conteúdo se entrelaçam para produzir efeito estético e existencial. Assim, Clarice Lispector não apenas constrói uma história, mas problematiza a própria possibilidade de representação do ordinário, oferecendo uma experiência literária que desafia convenções e redefine os limites da narrativa contemporânea.

Embora *A hora da estrela* apresente inovações formais, a obra estabelece um diálogo com a tradição literária e com o cânone. Como enfatiza Bloom (1995, p. 18), “o fardo da influência deve ser carregado, se se quer atingir e reatingir a originalidade dentro da riqueza da tradição literária.” Nesse contexto, a trajetória de Macabéa remete a jornadas clássicas de exploração existencial. Enquanto Dante percorre inferno e purgatório em busca de respostas espirituais, Macabéa enfrenta seu próprio percurso terreno, caracterizado por uma existência aparentemente desprovida de sentido e visibilidade. O “inferno” clariceano corresponde à vida medíocre e insignificante da personagem, marcada por isolamento e desamparo, enquanto o “purgatório” é a experiência contínua da perplexidade diante da brutalidade da existência. A personagem confronta-se com a contingência da vida e a solidão radical — uma travessia que evidencia a fragilidade e a invisibilidade do ser humano. A estrutura narrativa fragmentada e a presença ativa do narrador configuram uma metanarrativa inovadora, em que forma e conteúdo se entrelaçam, desafiando convenções tradicionais e ampliando a experiência estética e existencial do leitor.

O processo de escrita em *A hora da estrela* aproxima-se do próprio viver, ambos marcados por dor, esforço e inquietação existencial. O narrador evidencia a angústia inerente à elaboração do texto e à vida de Macabéa, representando, de forma simbólica, a condição humana de quem busca incessantemente um lugar no mundo e um sentido para a existência. Macabéa, descrita como aquela que “sentia falta de encontrar-se consigo mesmo” e que “quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: ‘sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então, vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser’” (Lispector, 1998, p. 35-36), encontra na solidão a sua dimensão mais íntima e preciosa. Essa condição de isolamento não é apenas física, mas existencial, constituindo o espaço onde a personagem se reconhece, ainda que de forma efêmera, e onde se manifesta a profundidade de sua experiência interior:

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era

ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava l-i-v-r-e! Usufruía de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. [...] Encontrar-se consigo própria era um bem que ela não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. (LISPECTOR, 1998, p. 41-42)

Desprovida de amigos, voz e espaço próprio, Macabéa vive a solidão em múltiplas dimensões: a infância marcada pela morte dos pais, a sensação de deslocamento na vida adulta, a convivência distante com colegas de quarto e relações amorosas opressivas. Essa vulnerabilidade se manifesta também na percepção de inferioridade e culpa: “desculpe, mas não acho que sou muito gente” (Lispector, 1998, p. 48) e “quando acordava se sentia culpada sem saber por quê”, “arrependia-se de toda e de tudo” (Lispector, 1998, p. 34-38). A personagem, assim, encarna a marginalidade existencial, revelando a intensidade de sua experiência solitária e a precariedade de seu lugar no mundo.

Contudo, Macabéa também vivencia uma forma de solidão emancipadora, que lhe permite estar consigo mesma e experimentar o prazer de certa liberdade interior. A morte, nesse contexto, surge como o único instante de claridade em uma vida marcada pela obscuridade e pela insignificância: “a morte é um encontro consigo” (Lispector, 1998, p. 86). Trata-se de um momento epifânico, em que a consciência de si se revela, ainda que de maneira breve e fugaz.

Macabéa não possui vigor físico ou intelectual destacado — é descrita como “inteiramente raquítica”, limitada em habilidades e incapaz de refletir com facilidade: “ela era incompetente”, “pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava” (Lispector, 1998, p. 15-24-55). Tampouco dispõe da coragem heroica de figuras mitológicas como Ulisses. Ainda assim, enfrenta diariamente os desafios de uma existência adversa, imersa em uma cidade que parece conspirar contra ela. Diferentemente do destino determinado pelos deuses, é Macabéa quem, por sua própria iniciativa, busca percorrer caminhos em um contexto social marcado pela desigualdade, exploração, preconceito e opressão de gênero, construindo, assim, sua luta existencial de forma silenciosa, porém contínua.

Macabéa percorre uma odisseia própria em busca de sentido para sua

existência, atravessando uma vida marcada por conflitos, desafios e instabilidades, descrita como “uma espécie de atordoado nimbo, entre o céu e o inferno” (Lispector, 1998, p. 36). Sua trajetória, definida como “uma longa meditação sobre o nada”, evidencia a luta contínua contra a insignificância e a ausência de propósito. No entanto, a morte intervém abruptamente, retirando-lhe qualquer possibilidade de realização ou experiência plena: “Morta, os sinos badalavam, mas sem que seus bronzes lhes dessem som” (Lispector, 1998, p. 36-86; 38). Assim, a narrativa revela a tragédia existencial da personagem, cuja busca por sentido e autonomia permanece inacabada, tornando sua odisseia uma reflexão sobre a precariedade e a finitude da experiência humana.

O destino de Macabéa revela-se inexoravelmente atrelado à morte, uma conclusão quase inevitável diante de um mundo que se mostra sistematicamente adverso à sua existência. Sua trajetória trágica remete a personagens clássicos da literatura, como os de Shakespeare, nos quais a morte constitui o desfecho final. Para Macabéa, a morte pode ser compreendida como a única forma de liberação, pois ela havia “tornado-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária” (Lispector, 1998, p. 38).

A vida, nesse contexto, é concebida como uma sucessão de travessias que demandam coragem, aprendizado e reflexão. A experiência de Macabéa ensina que a existência transcende as expectativas imediatas, evidenciando que a esperança modifica a postura diante das adversidades, que o tempo é efêmero e que a empatia constitui um elemento essencial para a construção de relações mais humanas. Além disso, a narrativa sugere que a felicidade e a beleza podem ser encontradas nos pequenos detalhes, no essencial da vida ou naquilo que frequentemente é considerado insignificante. A morte, embora final, não se limita a encerrar a experiência; muitas vezes, ela representa a abertura para dimensões ainda desconhecidas da existência.

Considerações finais

A leitura de Clarice Lispector exige mais do que acompanhamento da narrativa: demanda sensibilidade para perceber a dimensão subjacente da escrita, onde a palavra se revela como abertura para sentidos múltiplos. A *hora*

da estrela é uma obra que apresenta como demonstramos nas nossas análises um valor estético inquestionável. Há um labor artístico que assegura ao texto as características que o inserem no cânone literário, tais como: atemporalidade já que ainda hoje continuam significando, a universalidade já que exploram temas comuns a todos nós e a nossa condição, a inovação e o diálogo com textos que compõem a tradição literária. São esses elementos que estabelecem *A hora da estrela*, como uma obra canônica, que se configura como um grito de revolta, de uma estrela sem brilho que conclui o roteiro de sua caminhada nessa existência superficial e sem sentidos. É diante da morte que Macabéa toma consciência de si, da insignificância de sua trajetória, do vazio existencial no qual vivia. Ela conclui a travessia final, a única comum a todos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** Trad. de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: Os livros e a Escola do tempo.** Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 1995.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** Trad. De Nilson Moulin. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de Cronópio.** São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CHKLOVSKI, V. *A arte como procedimento.* In: Dionísio de Oliveira Toledo (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos.** Trad. De Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 39-56.
- ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas.** 8.ed. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ECO, Umberto. **Estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica.** Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**, trad. Valério Rohden e Antônio Marques, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.